

ENSINAR E APRENDER COMO ESTADO DE PROCURA: DIÁLOGOS ALUNO- PROFESSOR NA LICENCIATURA EM TEATRO DA UFMG

*TEACHING AND LEARNING AS A STATE OF SEARCHING: DIALOGS
BETWEEN STUDENTS AND TEACHERS OF THE LICENCIATE DEGREE IN
THEATER AT UFMG*

*ENSEÑAR Y APRENDER COMO ESTADO DE BÚSQUEDA: DIÁLOGOS
ALUMNO-PROFESOR EN EL PROFESORADO EN UN TEATRO DE LA UFMG*

Marina Marcondes Machado¹

Francisco de Assis Aguiar²

¹Doutora em Educação pela PUC/SP. Docente do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG – Brasil.

²Graduado em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG – Brasil.

INTRODUÇÃO OU BREVE COMENTÁRIO ACERCA DA ESCRITA A QUATRO MÃOS

Marina Marcondes Machado é professora do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, bem como da Pós-Graduação em Artes da Cena; e Francisco de Assis Soares de Aguiar era aluno do último semestre do curso no ano de 2014. A partir da experiência vivida na disciplina de Estágio II, semestre cuja proposta foi planejar, realizar e avaliar pequenas cenas feitas nas enfermarias de Pediatria do Hospital das Clínicas da UFMG, decidiram escrever este texto, na forma dialógica em uma espécie de entrevista mútua, para a Seção do Professor.

Francisco foi monitor na disciplina nomeada “Estágio II”, a qual Marina e seus alunos foram convidados a criar e apresentar uma dramaturgia nas enfermarias da Pediatria do Hospital das Clínicas da UFMG. Em tese, as cenas deveriam tematizar o ato de lavar as mãos, pois foram concretizadas a partir da “encomenda” de uma enfermeira que propôs a parceria; no entanto, ao longo do semestre, o projeto transformou-se em algo existencial, tematizando nascimento, vida e morte. Foram criadas seis cenas curtas, apresentadas em um único dia, em duas sessões, para a comunidade da Pediatria do Hospital das Clínicas, com foco especial nas crianças e seus acompanhantes. Assim, o Estágio II do curso de Licenciatura em Teatro da UFMG foi feito pelo planejar, executar e avaliar esse processo criativo e relacional.

Seguem nossos diálogos:

Marina pergunta: *Como foi para você – especialmente pensando na futura docência em teatro – viver a experiência como monitor da disciplina Estágio II, que levou os alunos a fazer teatro na Pediatria do Hospital das Clínicas (UFMG) de Belo Horizonte?*

Francisco responde: Minha experiência como monitor na disciplina de Estágio II pode ser definida como um “estado de procura”. Sem saber de antemão o meu verdadeiro papel como monitor em uma disciplina já cursada - mas que a cada semestre se reconfigura a partir de novas propostas e temas -, passei alguns momentos me sentindo em uma espécie de suspensão. Não havíamos planejado de antemão a minha intervenção como monitor e, ao longo do tempo, percebi que não me sentia confortável no papel de veicular algo sobre teatro e seu ensino para meus colegas – de fato, da forma como a disciplina se configurou,

acabei acreditando que não havia, da minha parte, o que ensinar a eles. Havia sim um espaço para experienciar junto uma proposta de intervenção, na qual os alunos estagiários foram levados a fazer teatro no hospital: uma proposta única no nosso curso de Licenciatura, pela qual eu mesmo não havia passado. Até certa medida, portanto, eu me iniciava juntamente com meus colegas de curso e caminhávamos juntos no sentido de algo totalmente novo e arriscado.

Hoje vejo que, de fato, a minha participação no processo se resumiu em um “estado de procura”: por vezes ativa, por outras passiva, preponderando uma atitude testemunhal, no sentido de perceber o processo que nos levaria à ousada experiência de fazer teatro no hospital, experiência permeada por questionamentos sobre os mundos de vida das crianças enfermas e as possibilidades de intervenção de alunos da licenciatura em teatro na enfermaria de pediatria de um hospital público. A vivência no Estágio II conversou com uma proposta de formação de professores de teatro atentos e sensíveis aos fenômenos da vida cotidiana, propondo um acordar dos sentidos rumo a perceber o mundo no qual estamos inseridos, e a sua possível recriação, por meio da linguagem teatral.

O que chamo de “estado de procura” me fez questionar sobre o meu futuro papel como professor. Em primeiro lugar, foi preciso reconhecer e aceitar a fragilidade daquele estado; não desesperar nem sentir-me o pior estudante ou professor do mundo, quando o nosso papel não se encontra bem definido dentro de um projeto de ensino... Antes de tudo, é necessário reconhecer os curtos passos que são dados a cada encontro no processo de ensino/aprendizagem. Gosto de pensar na expressão “estagiário zen” que você utiliza conosco, Marina, para definir um estado ideal para o aluno do Estágio II. Traduzo a expressão por aquele aluno que dá tempo para as coisas acontecerem e ser afetado por elas. Em segundo lugar, percebi que o “estado de procura” não significava um estado de inércia. É preciso coragem e ousadia para propor ideias novas, sem recear a não aceitação por parte do professor ou dos colegas. Nesse ponto me senti frágil, pois quantas vezes me calei e deixei que ideias “aparentemente bobas” morressem dentro de mim! Não ousei ser eu mesmo, por medo do erro...

Hoje vejo que não me organizei no sentido de alcançar uma espécie de liderança para a qual a função de monitor exigia. Refletindo sobre essa situação, vejo que nem sempre me foi permitido um empoderamento do processo vivido em minha formação anterior; sou fruto de uma formação ainda muito transmissiva: o professor

é detentor do conhecimento, os licenciandos assimilam o conhecimento e o “transferem” para seus futuros alunos. Há pouco espaço para formação de sujeitos mais criativos, mais férteis e abertos para a proposição e a aceitação do novo.

Um ensinamento que levarei da nossa parceira no Estágio II dialoga com o que você nomeia “poética própria¹”, na qual o conhecimento adquirido durante nossa formação “pede” para ser reconstruído através da nossa ação inventiva e não da mera reprodução da forma como nos foi transmitido. Vivi, como muitos colegas licenciandos em teatro, dois processos difíceis: um deles consiste na assimilação de saberes no campo teatral e outro processo, mais difícil ainda, é a reconfiguração desses saberes a partir de uma ação autoral, bem como generosa para com o Outro. Entende-se, nesse caso, o “Outro” como as crianças que encontramos hospitalizadas e, num futuro próximo, os nossos alunos.

Francisco pergunta: *E para você, Marina, qual é a sua reflexão sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos estagiários no que diz respeito ao reconhecimento da pesquisa-ação em artes como metodologia possível na formação e futura prática docente? Você reconhece uma discrepância no empenho dos alunos em assumir a pesquisa-ação visando ao campo da cena e o assumir a pesquisa-ação visando ao campo docente?*

Marina responde: Do meu ponto de vista, a dificuldade do aluno não é algo simples de discutirmos; não se trata de uma “recusa”, não é um problema pessoal ou individual. A dificuldade do aluno revela seu percurso acadêmico, o que equivale dizer: conversa diretamente com o curso no qual ele está inserido. Penso que o curso de Licenciatura em Teatro precisa ser delineado de tal maneira que esteja sempre em processo de transformação, aceitando as mudanças contemporâneas, seja no campo educacional, seja no campo teatral estrito senso. Trocando em miúdos: se o aluno não está a par das novas formas teatrais, isto é, habituado com a existência dos campos da *performance* e frequentando outros lugares artísticos híbridos, então ele terá dificuldade em aceitar um planejamento em *work in processo*/trabalho em processo, por exemplo. Também penso que a abertura para o novo e para o risco são modos de ser e estar, portanto, algo a ser lapidado na corporalidade do aluno da graduação. É provavelmente o que você decidiu chamar de “estado de procura”, Francisco.

Sobre a discrepância entre “campo da cena” e “campo docente”, também vejo a questão como uma dicotomia revelada pela grade curricular, por vezes

inadvertidamente ou irrefletidamente. Ou seja, é muito importante que o currículo de um curso que prepara professores de teatro seja recorrentemente pensado, redesenhado, transformado: algo compatível com as premissas da metodologia nomeada “pesquisa-ação”, na qual o pesquisador encontra-se mergulhado no fenômeno a ser estudado.

Marina pergunta: *Então o que você, como aluno e futuro professor de teatro, sugere para diminuirmos as discrepâncias – seja entre ser ator e ser professor, seja entre teoria e prática, e também entre criação e tradição?*

Francisco responde: Na minha condição de aluno, sei que não estou por dentro de todos os processos institucionais da implantação de novas propostas de ensino dentro do percurso curricular oferecido pelo curso. Fazendo uso de um olhar parcial, diria que um caminho possível para romper essas discrepâncias está na direção de propostas de ensino que se coloquem no campo da pesquisa e da experimentação *entre* áreas do conhecimento.

Eu apostaria em processos dinamizados por experiências onde os sujeitos envolvidos (alunos, professores e comunidade externa) desenvolvam ações pautadas na troca de saberes. Creio na necessidade de romper algumas bolhas invisíveis das quais costumamos participar; romper com as bolhas que separam Licenciatura do Bacharelado e com a bolha que separa Universidade da comunidade externa. Também romper com a bolha de um saber “escolarizante” que ainda vivemos na Universidade e que nem sempre nos prepara para agir na vida prática que se encontra para além dos seus muros.

Sei que há valor pedagógico na separação, por exemplo, de disciplinas da área de Licenciatura e as disciplinas da área de Bacharelado; mas também sei da perda que é pensar em processos pedagógicos que separam o estudo do corpo com o estudo da voz. O que gostaria de ver alterado no curso é essa separação (por vezes acirrada) entre modalidades - Licenciatura e Bacharelado -, uma vez que ambas possuem o mesmo objeto de estudo: o fenômeno teatral.

Também gostaria de ver, como graduando em teatro e futuro professor, projetos (ou disciplinas) de caráter transdisciplinar que pudessem dar voz ao ser artista, ser professor e ser adulto, por meio do olhar cotidiano. Falo de uma sala de aula enquanto laboratório, onde diferentes visões e experiências são compartilhadas a partir de um ponto em comum: o teatro em diálogo com a ação dos sujeitos contemporâneos - mesmo que esse estudo perpassasse as tradições

de outros tempos. Quando olho para trás no meu percurso acadêmico, sinto que muitas vezes falamos do mundo da docência, do mundo das manifestações teatrais, mas poucas vezes vivemos esses mundos.

Ao pensar nessa segregação entre áreas do saber, tomo como exemplo os diversos trabalhos e estudos desenvolvidos por nós ao longo da graduação em Teatro na UFMG. Vejo uma tendência de alunos da modalidade Licenciatura pensarem processos de ensino/aprendizagem em teatro a partir de teóricos no assunto ou em textos de referência a serem debatidos em sala de aula: estudo que, quase sempre, aconteceu cercado por quatro paredes. E o mesmo se passa com os colegas do Bacharelado: normalmente só abrem seus trabalhos nos últimos dias de aula para a apresentação ao público e pouco sabemos de seus processos. Curioso é perceber que, num mesmo espaço de estudo (um pequeno prédio que abriga de forma desconfortável o curso de teatro, o curso noturno de dança e o curso Técnico em Ator), os alunos se colocam – ou são postos – em vagões de viagem: um destinado a artistas e outro destinado a professores. E apesar de circularem numa mesma estação (o teatro), quase nunca trocam figurinhas sobre suas viagens. O que me parece necessário é criar espaços de partilha para que a dicotomia na formação de artista e professor possa ser quebrada, para daí surgir um diálogo potente - e quiçá renovador - sobre o fenômeno teatral.

Como você já ressaltou, também vejo a necessidade de implantação de espaços híbridos de criação e estudo do fenômeno teatral que esteja atento ao tempo e ao espaço contemporâneos. Creio na necessidade de uma luta (talvez utópica) para romper com esses movimentos de individualização dos sujeitos e seus processos de ação, dentro e fora do espaço da Universidade.

Marina pergunta: *Como você resumiria suas sensações, pensamentos e projeto de futuro, agora que finalizou seu curso?*

Francisco responde: Creio que possa resumir a minha fala ressaltando a necessidade de uma mudança cultural e de pensamento, por parte dos envolvidos no processo de formação em teatro. A minha crítica mais contundente vai de encontro a uma cultura universitária a qual nossos mestres professores da graduação parecem estar, cada vez mais, longe da sala de aula e do contato com seus alunos, envolvidos com seus projetos pessoais e no alargamento de seus currículos. Não estou desmerecendo o valor da formação continuada nem da pesquisa constantemente desenvolvida pelos professores de graduação, mas

percebo um afastamento gradativo entre os alunos e os seus mestres: sinal talvez de uma descrença nas relações de troca de saberes no espaço da sala de aula dentro da própria Universidade.

Posso parecer piegas, mas acredito num processo de encantamento pelo saber que se constrói em sala de aula pela relação entre alunos e seus mestres. Olhando para trás, vejo que o meu desejo pelo campo docente foi, em grande parte, alimentado pela troca generosa com aqueles mestres que veem no ato de ensinar uma instância de prazer. A imagem que deles levo como inspiração no meu caminho rumo à docência está quase sempre atrelada a uma atitude comprometida com o ato de ensinar e a uma escuta generosa, sinônimo de disposição de aprender pela troca. Um ensinamento que levo do Estágio II se resume numa máxima sua, Marina, que nos convida a pensar a nossa futura ação docente – e também o nosso próprio ato de existir – através de um lugar onde a nossa percepção está focada na relação do eu-com-o-outro-no-mundo; um convite para a partilha de um saber em metamorfose nos nossos corpos.

Francisco pergunta: *A partir do seu percurso como professora e formadora de professores, o que um curso de graduação em Teatro deve oferecer como suporte para a formação dos seus alunos? E, por favor, comente aquilo que o aluno, na sua individualidade, deve tomar para si na busca de uma formação (acadêmica e humana) que permita fazer elos entre aquilo que aprendeu na Universidade e aquilo que desponta no seu futuro profissional como professor?*

Marina responde: Esta sua última pergunta para mim é difícilíssima de responder! Ou ainda, se eu conseguisse respondê-la, eu teria uma verdadeira bola de cristal! Arrisco uma resposta parcial: a formação necessária é aquela que você mesmo projetou na sua resposta anterior. A saber: trabalhar a partir de um acontecimento arejado, multifacetado, conectado no que é contemporâneo sem jogar fora a tradição teatral, seja do fazer ou do ensinar, que podem sim ser considerados o mesmo campo. Mas enquanto escrevíamos este texto para a Revista Contrapontos, majoritariamente via *e-mail*, eu pensava: “Puxa, o Francisco está mais articulado do que eu!” – ou seja, você foi muito bem formado, pois foi-lhe permitido dizer o que pensa, questionar seu curso e seus professores e, acima de tudo, sonhar. É o que você revela na sua utopia na direção de uma melhor formação. E tomara que, quando isso acontecer, virá também um mundo melhor: menos cindido, menos técnico e mais relacional. Obrigada pelo seu saber.

UM TEXTO EM PROCESSO: ÚLTIMAS REFLEXÕES

Francisco: Quase um ano se passou desde a nossa experiência vivida no Estágio II e, conseqüentemente, da escrita deste texto. Hoje sou graduado e inicio as minhas primeiras experiências como professor de teatro. Vivo um novo “estado de procura” juntamente com meus alunos no Centro Pedagógico da UFMG, onde atuo como monitor de teatro. Devo dizer que este “estado de procura”, expressão que insisto em repetir, está imbuído de ensinamentos e questionamentos que juntos vislumbramos na formação de docentes em teatro a partir da sensível experiência de fazer teatro na pediatria do HC-UFMG.

Pude inscrever na minha corporeidade, gesto e falas que me permitem ir ao encontro do meu interlocutor (meus alunos). Hoje, ao entrar em sala de aula, busco repetir um ritual interno: receber meus alunos e abrir a escuta pra tentar perceber o lugar que a prática teatral se coloca em suas vidas. Como fizemos na experiência do hospital, sempre me pergunto “qual o lugar do teatro na escola?” e o que é vital que ele toque nesse espaço e nessas pessoas para ser um provocador de mudanças? Questionar o velho (sem negar a tradição) e abrir caminho para o novo. Hoje, amadurecendo ideias germinadas há cerca de um ano, vejo que hospitais, escolas, ruas e demais esferas da sociedade carecem da presença da arte para não viver a obscuridade de dias maus.

Para finalizar, só posso deixar o meu agradecimento à minha mestra Marina Marcondes Machado por ter compartilhado a escrita deste texto e por ter me instigado a perceber o teatro na sua forma mais simples e instigante: o teatro do “eu-com-o-outro-no-mundo”.

Marina: Quase um ano mais tarde nosso texto foi aceito para publicação, Francisco, com o pedido de pequenas reformulações e assim pudemos retomar nosso contato, recheado de afeto e intelecto. Deixo aqui o agradecimento para a Revista Contrapontos, que abriu espaço para nossa dialogia, em nome de processos criativos e horizontais, entre professores e alunos. Sempre.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro, 2007.

MACHADO MM. Só rodapés: um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. *Revista Rascunhos*, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 53-67, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://goo.gl/8xPtwE>. Acesso em: 10 out. 2015.

Texto recebido em: 24/07/2015

Aprovado em: 06/11/2015

Endereço para correspondência:

Marina Marcondes Machado. Escola de Belas Artes, Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte, MG, CEP: 31270-901. *E-mail*: mmjm@uol.com.br

Francisco de Assis Aguiar. Escola de Belas Artes, Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte, MG, CEP: 31270-901. *E-mail*: franciscoasa.teatro@gmail.com

NOTAS

- 1 “No campo acadêmico, a poética própria pode ser concebida como o conjunto de características de um artista ou de um autor, renomado ou iniciante: traços, rabiscos, contornos, modos próprios de ser e estar no mundo e sua relação consigo e com o outro, em especial com a linguisticidade (relação eu-língua mãe) e com a artisticidade” (MACHADO, 2015, p.58).